

CRÍTICA E RESISTÊNCIA CULTURAL EM JOSÉ SARAMAGO: UMA CONTRANARRATIVA AO DISCURSO DE/DO PODER

CULTURAL CRITICISM AND RESISTANCE IN JOSÉ SARAMAGO: A COUNTER-NARRATIVE TO THE DISCOURSE OF POWER

Gislene Teixeira Coelho^{1*}

RESUMO

Este artigo levanta uma discussão em torno do esvaziamento do legado de experiências humanas em tempos pós-modernos, em que o descoletivismo, o desengajamento e o artificialismo desestimulam o processo comunicativo e de trocas, e autorizam a entrada de um discurso hegemônico. Para tanto, *A caverna*, de José Saramago, conduz uma leitura crítica dos desdobramentos de poder nos espaços socioculturais pós-modernos, em que a lógica dominante do capitalismo abafa a diversidade de manifestações e produções humanas. No conluio de forças, escrita e ciência são manipulados como importantes instrumentos de imposição pelo poder, que agem como elementos fomentares de segregação, esquecimento e hegemonização. Ambos norteiam as realizações dos centros de poder, que, fidelizados às condições pós-modernas, concentram a movimentação financeira, cultural, política e científica. O Centro, assim nomeado por Saramago em seu romance, instiga uma aproximação crítica com as diversas formações humanas que impõem suas regras e modelos culturais e sociais, contra os quais se levantam espaços alternativos de resistência para fazer frente às ações de subordinação e menorização.

Palavras-chave: Condição pós-moderna; poder; crítica; resistência.

ABSTRACT

This article raises a discussion around the emptiness of the legacy of human experiences in postmodern times, in which de-collectivism, disengagement, and the artificial discourage communicative and changing process and enable the entrance of a hegemonic discourse. *The Cave*, by José Saramago, conducts a critical reading of the unfolding of power in postmodern social and cultural spaces, in which the dominant logic of capitalism suppresses the diversity of human manifestation and production. In a coalition of forces, writing and science are manipulated as important instruments for imposing power, which act as promoters of segregation, forgetfulness, and hegemony. Both guide the undertakings of the centers of power, which, faithful to postmodern conditions, direct the driving forces for the financial, cultural, political, and scientific. The Center, as it is named by Saramago in his novel, presents a critical approximation to the diverse human formations that impose cultural and social rules and models, against which alternative spaces of resistance are raised to withstand the subordinating and diminishing actions.

Keywords: Postmodern condition; power; criticism; resistance.

¹ * GISLENE TEIXEIRA COELHO é doutora em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com estágio de Pós-Doutorado na Universidade Federal fluminense (UFF), ambos dedicados ao estudo da Literatura Portuguesa. É professora do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais. Áreas de atuação: Colonialismo, Pós-colonialismo, Interculturalidade e Representações em Espaços da Memória.



A palavra experiência recebe um contorno de destaque na obra de José Saramago, contraditoriamente a um cenário pós-moderno em que se lastima o desbotamento e desvigor do termo. No livro *As palavras de Saramago*, em que Fernando Gómez Aguilera reuniu diversas falas que o escritor direcionou a jornais e revistas, percebe-se uma incidência de asserções que mostram a aquisição da experiência como elemento propulsor da própria atividade de escrita. No trecho a seguir, Saramago é um exemplo dessa necessidade de acumular experiência de vida para atingir a maturação intelectual e humana, processo imprescindível para a criação de uma história e para a formação de um escritor:

Escrevi meu primeiro romance nos anos 40 e publiquei-o em 47 [*Terra do pecado*]. Depois me dei conta de que não tinha para dizer muitas coisas que valessem a pena. Bem, não quero agora estar me martirizando com o doloroso aprendizado de minha adolescência, ou com o que tem a ver com o conhecimento literário sem livros em casa, lendo nas bibliotecas públicas à noite. Percebo que, embora o romance não estivesse tão mal escrito – porque era um romance de juventude —, de alguma forma pode-se dizer que é um romance sedimentar, que, quando você o lê e relê, vai encontrando sedimentos. Quando você se põe a escrever em circunstâncias como essa, com 23 ou 24 anos, e, sobretudo, se os tem em 1945, que é a pré-história, o que é que se tem para dizer? Não se tem muito, não se viveu, não se andou pela rua escutando o que dizem as pessoas para levar ao romance. Depois estive praticamente vinte anos sem publicar, só voltei à literatura em 1966, e continuava sem nada que dizer. Você chega a um momento em que acredita que talvez tenha o mais importante de tudo: voz própria, uma forma de narrar que, embora se alimente de tudo o que foi escrito antes, faz que o escrito seja agora simplesmente aquele que vem depois. Nós, que escrevemos, aprendemos com o que está escrito. Não há outra forma. Se você se dá conta de que tem essa voz própria, então talvez possa, quando olhar para si mesmo no espelho, dizer: “Sou um escritor”. (SARAMAGO, 2010, p. 88-89)

Saramago mostra essa experimentação em dois níveis principais: primeiramente, na observação atenta, no contato e na troca de informações com pessoas reais, como uma forma de aprendizagem diária; por fim, a leitura compulsiva de outros escritores que auxiliariam na aquisição de um estilo próprio. O primeiro ponto inclui pesquisas no local escolhido para palco de sua fabulação, onde as atividades de ver e ouvir estão na agenda do dia do escritor. Outrossim, exige-se um observador atento que possa perceber a valoração das pequenas coisas, que fomentam, em sua obra, reflexões e histórias extraordinárias, pois, conforme nos lembra o escritor: “Se pararmos para pensar nas pequenas coisas, conseguiremos entender as grandes” (SARAMAGO, 2010, p. 49). Nesse sentido, a palavra experiência não se resume a constatações científicas e acadêmicas, mas aciona um sentido mais tradicional de produção de saberes, que levanta o valor dos atos de vivenciar, de viver com, de estar com, independentemente do grau de espetacularidade do evento e da notoriedade dos sujeitos envolvidos no processo de produção de conhecimento.

Esse universo narrativo de Saramago tecido em torno das trocas e aquisições de experiências como produtoras de conhecimento caminha na contramão de um discurso dominante – e de dominação – que privilegia um modelo de saber e de cultura, e desqualifica outras formas de

produção de conhecimento advindas de processos mais tradicionais. Para efeito de discussão, a obra *A caverna*, publicada por José Saramago no ano de 2000, tem o potencial de aquecer o debate em torno dos sintomas de uma condição pós-moderna, cuja manifestação é acentuada nas décadas finais do século XX, sendo trabalhada por teóricos como Jean-François Lyotard, sensibilizados pelas mudanças produzidas pelo avanço do neocapitalismo sobre a produção do saber e da cultura ocidental.

Na obra *A condição pós-moderna*, lançada em 1979, Lyotard lança uma leitura inquiridora do seu próprio tempo, expondo os efeitos do poder capitalista sobre a produção, distribuição e legitimação do saber na sociedade ocidental. Lyotard adverte para um quadro de mudanças radicais que será aprofundado nas duas décadas finais do século XX, em que a produção do saber servirá a preceitos mercadológicos. No trecho abaixo, o estudioso expõe criticamente a manipulação do saber pelos setores produtivos, que o transformam em mercadoria e objeto de poder.

Sob a forma de mercadoria informacional indispensável ao poderio produtivo, o saber já é e será um desafio maior, talvez o mais importante, na competição mundial pelo poder. Do mesmo modo que os Estados-nações se bateram para dominar territórios, e com isto dominar o acesso e a exploração das matérias-primas e da mão-de-obra barata, é concebível que eles se batam no futuro para dominar as informações. Assim encontra-se aberto um novo campo para as estratégias industriais e comerciais e para as estratégias militares e políticas. (LYOTARD, 1993, p. 5)

Nesse sentido, a aquisição do saber no contexto da pós-modernidade desqualifica as formas tradicionais de produção de conhecimento e anula, portanto, o potencial de participação do sujeito nos processos de construção do saber. Em resumo, esse contexto pós-moderno acaba por fazer minguar os vínculos sociais, desincentivando as experiências coletivas e deslegitimando o conhecimento produzido fora dos laboratórios, das universidades e dos interesses do mercado.

Adensando o discurso de crítica cultural no contexto da pós-modernidade, Fredric Jameson, em sua obra *Pós-modernismo: a lógica do capitalismo tardio*, expõe uma visão histórica – e não simplesmente estilística, com ele mesmo faz questão de frisar – das manifestações culturais contemporâneas articuladas política e ideologicamente ao cenário do capitalismo tardio, localizando pontos de identidade entre os fenômenos culturais estudados e o contexto capitalista de produção. Ao trabalhar esse enquadramento histórico entre arte, política e economia, alerta-se para o fato de que o pós-modernismo seja a expressão de uma “dominante cultural da lógica do capitalismo tardio” (JAMESON, 2007, p. 72). Nesse sentido, Jameson mostra sua preocupação em torno da observância de supercapitalização dos valores culturais de seu tempo, estreitando o espaço de atuação de manifestações artísticas mais autônomas.

Como intelectual engajado e de formação marxista, esboça-se certa apreensão em torno dos novos tempos, alertando para o fato de que: “[...] a urgência do assunto exige que façamos pelo

menos o esforço de pensar dialeticamente a evolução do capitalismo tardio como um progresso e uma catástrofe ao mesmo tempo” (JAMESON, 2007, p. 73). Especificando um pouco mais a razão da sua já referida apreensão em torno do pós-modernismo, Jameson prossegue em seu pensamento lançando algumas questões:

[...] será que não há algo em última análise paralisante na visão dialética de desenvolvimento histórico proposta acima, será que ela não tende a nos desmobilizar, e nos reduzir a passividade e impotência ao obliterar, sistematicamente, as possibilidades de ação sob a névoa impenetrável da inevitabilidade histórica? (JAMESON, 2007, p. 73)

Essa fala de Jameson permite dimensionar as razões por que tanto se fala, na pós-modernidade, em “desperdício da experiência” (SANTOS, 2009, p. 42). Ao apontar a neutralidade e a impotência do indivíduo diante de sua própria história em construção, salienta-se que o sujeito pós-moderno, frequentemente seduzido pela lógica do consumo, da propaganda, da mídia, tem sua subjetividade e seu potencial de ação danificados pela lógica capitalista alienante.

Em suma, os trabalhos de Lyotard e Jameson encorajam o desenvolvimento de um pensamento crítico que opere no sentido da desarticulação entre saber, cultura e a lógica dominante e repressora do capital. Nesse sentido é que pretendemos ler o pensamento de José Saramago no romance *A caverna*, que potencializa a localização de instantes de desarticulação da lógica mercadológica, em tempos de plena vigência dos preceitos capitalistas. José Saramago encena na ficção a existência de universos paralelos, habitados por personagens que não se adequam e/ou não aceitam o pensamento dominante vigente. Nesse sentido, é em busca do embate político e cultural que este artigo recorre ao escritor português, investigando representações de subjetividades que, potencialmente, desestabilizam um contexto sociopolítico maior de dominância cultural na pós-modernidade.

O narrador de Saramago e a pós-modernidade: narrativas contra-hegemônicas

A caverna, romance de José Saramago, emblemático para ilustrar o conceito de experiência em uma visão mais tradicional, monta um cenário de celebração e valoração dos pequenos acontecimentos vividos pela família Algor, como o encontro de Isaura Estudiosa e Cipriano Algor e a adoção do cão Achado pelos Algores, eventos aparentemente banais aos nossos olhos, mas que simbolizam um forte índice de mudanças na vida da família. Em vários momentos de pai e filha engrandecem eventos cotidianos, como exemplifica o trecho que diz: “Pai, por favor, não pode falar assim do marido da sua filha, Tens razão, desculpa-me, hoje não deveria ser dia de censuras e recriminações, Hoje, porquê, Fui ao cemitério, dei um cântaro a uma vizinha e temos um cão lá fora, acontecimentos de grande importância todos eles” (SARAMAGO, 2000, p. 51).

Há, na obra, a construção de um espaço de resistência e de sobrevivência das experiências tradicionais, representado pela família Algor, em meio a um contexto sociopolítico mais amplo de demonstração de poder econômico, de crescimento da produção industrial e de padronização do saber e da cultura. Nesse espaço de resistência, as experiências vividas são concebidas pelos personagens como forma de construção dos vínculos e valores sociais, e como produtoras de conhecimento, sendo, portanto, indissolúveis da noção de mobilização e de participação efetiva das subjetividades envolvidas. O universo exterior ao núcleo dos Algores permite a abertura de uma discussão sobre o encolhimento e até a desqualificação desse tipo de experiência em contextos pós-modernos.

Nesse sentido é importante lembrar que autores como Walter Benjamin já registravam, em plena modernidade, um contexto de queda das experiências tradicionais.

No ensaio *Experiência e pobreza* de 1933, Walter Benjamin discorre sobre o enfraquecimento dos relatos em decorrência da perda de experiências valorosas. Segundo o filósofo, o empobrecimento das experiências humanas deve ser entendido como uma perda da qualidade dessas experiências, como um esvaziamento das experiências formadoras e transmissíveis para as gerações futuras. Vale lembrar o contexto histórico em que o ensaio benjaminiano foi escrito, que teve como cenário territórios e vidas devastadas pela ação bélica. Benjamin lembra que, mais que a perda da experiência, observa-se a perda das experiências de valor, aquelas que mereceriam ser contadas e revividas por outras pessoas, como ele mesmo afirma em: “No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos dos campos de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável” (BENJAMIN, 1986, p. 198).

Em 1993, Gilles Lipovetsky publica seu livro *A era do vazio*, cujo título amplia e atualiza a discussão acima ao aproximar os termos “pobreza” e “vazio”. Ao que parece o termo cunhado pelo filósofo francês registra uma perda ainda maior, um assombroso vazio de experiências, de valores e de tradições, resultante de um processo que poderia ser descrito nas seguintes palavras: “Hoje em dia vivemos para nós mesmos, sem nos preocuparmos com as nossas tradições e com a nossa posteridade: o sentido histórico foi abandonado, da mesma maneira que os valores e as instituições sociais” (LIPOVETSKY, 2005, p. 33). Não obstante a posição de assombro diante do seu próprio tempo à moda benjaminiana, Lipovetsky tem como objeto de análise um cenário muito diferente daquele apresentado por Benjamin: o estudioso culpa o individualismo contemporâneo como catalisador do vazio, que se dissemina pelo emprego da indiferença e do desengajamento com a vida.

Grande parte das leituras críticas em relação a esse vazio e a esse empobrecimento coincidentemente concentram-se no estilo de vida presente nas áreas urbanas, espaço em que se empreende a espetacularização, o consumo e a artificialidade. Em *A caverna*, Cipriano Algor, homem do campo e do trabalho, ao se mudar para o Centro, sente na alma a angústia de viver

esvaziado dos “acontecimentos de grande importância” que costumava vivenciar. A mudança gera em Cipriano uma falta de entusiasmo pela vida, como descreve o narrador no trecho abaixo:

E agora o que é que eu vou fazer. Em todo o caso, é Cipriano Algor quem se encontra confrontado com a pior das situações, a de olhar para as mãos e saber que não servem para nada, a de olhar para o relógio e saber que a hora que vem será igual a esta em que está, a de pensar no dia de amanhã e saber que será tão *vazio* como o de hoje. (SARAMAGO, 2000, p. 306, grifo nosso)

Vê-se que Cipriano sente a nudez, a que se referiu Benjamin, em suas mãos, antes um objeto de manipulação das experiências, hoje, símbolo da inutilidade. Os bens tecnológicos, as belas praças, os centros culturais, os centros comerciais, calculados todos para preencher a vida do homem urbano, são insuficientes para concretizar seu propósito. O vazio ainda persiste, as mãos desnudas pela inutilidade ainda incomodam.

Para complementar a leitura benjaminiana, há que se referendar o ensaio *O narrador*, destacando uma declaração de lamento que afirma que: “(...) o narrador não está de fato presente entre nós” (BENJAMIN, 1986, p. 197). Articulando os dois ensaios de Benjamin, reconhece-se que, se se concebe que experiência e narrativa estão em pleno declínio de produtividade, a figura do narrador, por conseguinte, recebe impacto negativo em igual medida. O narrador benjaminiano apoia-se em habilidades em baixa na contemporaneidade, e é contemplado, em seu ensaio, como o artesão compilador e manipulador de legados, que compõe narrativas à base da arte da “convivialidade” (SARAMAGO, 2010, p. 111), em que se reúnem coletividade, afeto, participação e sabedoria.

José Saramago representa uma figura emblemática quando se deseja rastrear as ressonâncias, no cenário contemporâneo, do narrador à moda benjaminiana. A presença do desse narrador acompanha toda sua performance literária, especialmente em seu apego ao mundo da oralidade, de onde se extraem uma filosofia, um conjunto de saberes e valores socioculturais muito peculiares, que se mostram desalinhados e retraídos em função de grupos e tendências dominantes. Em entrevistas, Saramago deixa registrada uma preocupação constante na construção do narrador como transmissor de uma experiência existencial, um narrador que se assemelha a um contador de história, como confirmam suas próprias palavras que exprimem um desejo de aproximar o universo da escrita do da oralidade: “O leitor dos meus livros deverá ler como se estivesse a ouvir dentro de sua cabeça uma voz dizendo o que está escrito” (SARAMAGO, 2010, p. 238).

Nas obras de Saramago, a figura do narrador faz-se também representada por meio da atuação de seus personagens, que, em sua grande maioria, transferem para o texto sua voz e sua sabedoria. Esses personagens não precisam ser apresentados, eles se autoapresentam e falam por si. Destaca-se, dentro da obra saramaguiana, uma galeria de personagens que aludem à

imagem do autor-narrador Saramago. São personagens que funcionariam como um alter-ego do autor, destacando-se igualmente por sua habilidade em articular palavra e pensamento, em filosofar a partir da observação de coisas simples, em acumular conhecimento, em saber ouvir, saber ver e saber falar, a exemplo do sábio Cipriano Algor, oleiro de profissão e de vida, que surpreende pela capacidade de congregar lucidez, sabedoria, afetividade e sensibilidade.

A voz do personagem mostra muita sabedoria ao lidar com situações corriqueiras da vida, de modo a trazer um saber não institucionalizado, não disciplinarizado, que, por via da observação e da aquisição diária, é processual e sedimentário. É um personagem que, tal como o narrador, viveu para contar. Algor representa o homem da terra e do trabalho; não é o viajante, figura emblemática na tessitura da narrativa e da memória portuguesas, que traz, como acervo pessoal e coletivo, histórias de aventura, glórias e conquistas. Ao contrário disso, as histórias de Algor vêm de dentro – de dentro de si, do Portugal interior, do campo, de sua vida particular, das pessoas do seu entorno.

Cipriano Algor, ao mesmo tempo em que tece um pequeno fragmento da narrativa portuguesa, desfaz uma considerável quantidade de pontos mal alinhavados, de arremates e de emendas mal feitas. Sua narrativa desconcerta a “harmonia” do conjunto de fatos, heróis e histórias monumentais que auxiliaram na invenção da Grande Nação Portuguesa. É a voz que fala a partir de um Portugal esquecido das histórias de Fama e Glória, um Portugal ligado a tradições populares e a um mundo da oralidade.

Como parte de uma contranarrativa portuguesa, a voz de Algor faz ressoar as palavras e a força discursiva do velho do Restelo, sabiamente inserido no texto épico *Os Lusíadas* para argumentar a favor daqueles que ficaram à margem da empreitada imperialista. A fala do Velho ocupa uma pequena parte do texto camoniano, situada no canto IV entre os versos 94 e 104, o que não diminui sua importância nem seu contundente efeito de fratura da narrativa épica. Ele é a voz da tradição que condena as viagens expansionistas e, de certa forma, tenta despertar a atenção do povo lusitano para seu próprio território de fala, apagado pelo sedutor discurso do viajante e pelo ímpeto aventureiro e grandioso.

Seu discurso questiona o motivo da viagem para a qual se registram como motivadores o desejo de dilatar o Império e a Fé (Canto I, estrofe 2). Em contrapartida, o Velho apresenta duas razões: a fama e a glória, incitadas pela cobiça e pela vaidade, cobrando ainda o alto preço pelas mortes, pelos perigos, pelas tormentas e pelas crueldades que provocam. O Velho expressa sua assim a sua indignação:

Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
Cũa aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles *exprimentas!*

Dura inquietação da alma e da vida,
Fonte de *desemparos* e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo *dina* de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana.

A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que morte *lhe* destinas,
Debaixo dalgum nome *preminente?*
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que *lhe* farás tão facilmente?
Que famas *lhe* prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?
(CAMÕES, s/d, p. 170-171)

O discurso do Velho do Restelo legitima-se pela posição que o mesmo ocupa, um velho cuja sabedoria foi adquirida por experiências e cujo argumento se fundamenta a partir do que viu e viveu. Vale lembrar que a palavra experiência possui um forte peso conceitual na filosofia renascentista, que se apoia nas ações humanas do pensar e do fazer. Além de recorrer a essa posição de prestígio social como recurso persuasivo, sua retórica sensibiliza os ouvintes, pois, como indicam as exclamações e as interrogações, há nela um apelo emocional com a inserção da voz do personagem no texto.

Pode estabelecer-se uma relação entre os narradores Cipriano Algor e o Velho do Restelo, já que ambos nos convidam a realizar uma viagem às avessas, para além do Portugal do espetáculo e da sedução. Esses dois personagens trazem à baila outras tantas subjetividades marginalizadas e apagadas pelas tendências dominantes do seu próprio tempo, trazendo o potencial crítico de desestabilizar e confrontar uma suposta ordem social.

Embora seja um homem de um universo limitado geograficamente, Algor movimenta uma leitura crítica que acerta com precisão preceitos – já enraizados e banalizados – difundidos pelo discurso hegemônico da pós-modernidade. Essa presença desestabilizadora é sempre bem-vinda quando se discute criticamente a lógica dominante da pós-modernidade, conforme

sugerem as palavras de Boaventura de Sousa Santos (2009, p. 249), no livro *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*:

A epistemologia dos agentes ausentes é, por conseguinte, uma demanda de subjectividades desestabilizadoras, subjectividades que se rebelam contra práticas sociais conformistas, rotinizadas e repetitivas, e se deixam estimular por experiência de limiar, ou seja, por formas de sociabilidade excêntricas ou marginais.

Algor e sua família respondem a essa outra demanda epistemológica evocada por Santos, uma vez que enxertam no discurso dominante (e de dominação) da pós-modernidade a marca pessoal da espontaneidade, da mobilização e da emancipação. Partindo de uma filosofia de vida simples e telúrica, a família consegue contracenar com a complexa organização dos centros de produção, emergindo como a voz que contesta a racionalização e a sistemática da vida pós-moderna. A atuação da família, no romance, exprime tanto a aproximação de culturas e saberes quanto um exercício de resistência cultural às práticas hegemônicas então vigentes.

A relação centro-periferia e um embate político-cultural

No romance *A caverna*, duas referências espaciais aparecem de forma bastante nítida, o campo e a cidade, os quais apresentam distinções baseadas no modo de ocupação e nas funções desempenhadas. No entanto, além das diferenças funcionais, tais espacialidades vêm sendo taxadas por qualificações dicotômicas e algumas de cunho preconceituoso que aproximam a cidade do lugar do saber, da cultura e do progresso e o campo do lugar do atraso, do conservadorismo e da ignorância.

O fator econômico torna-se assim o produtor das distâncias entre campo e cidade, fortalecendo dicotomias como atraso e progresso que continuam a ser reproduzidas. Aprofundando ainda mais as dicotomias, a cidade, em *A caverna*, é reduzida à representação espetacular do Centro, assim nomeado na obra. O Centro simboliza o poder econômico e cultural, de modo que todos os outros agrupamentos humanos, em geral muito mais numerosos, circulam em torno de sua órbita, acentuando uma relação de dependência econômica e de bens materiais e culturais. Assim, o Centro atrai pela superioridade econômica – pois lá estão situadas as instituições financeiras, as grandes empresas e a rede comercial que fazem o capital circular – e fascina pela beleza e sedução dos produtos e serviços que oferece. Portanto, o Centro, “tribunal implacável” (SARAMAGO, 2000, p. 130), coordena a movimentação financeira das outras áreas da cidade como fornecedor e comprador, ditando as normas de consumo e produção. A preocupação da família Algor está no fato de se ver forçada a satisfazer as exigências do Centro, pois, uma vez que agrada ao Centro, agradará a todos: “Que irá ser de nós se o Centro deixa de comprar, para quem passaremos a fabricar louças se são os gostos do Centro que determinam os gostos de toda a gente”. (SARAMAGO, 2000, p. 42)

O Centro norteia os rumos da população que o circunda, estabelecendo novas necessidades e exterminando ofícios considerados antiquados segundo seus preceitos, como ocorreu com a família de oleiros que teve toda sua história de vida transformada pela rejeição de suas manufaturas. Os Algores simbolizam o resquício da tradição do trabalho manual, que foi substituído pela produção industrializada, como se vê em: “Acho que foi o aparecimento aí de umas louças de plástico a imitar o barro, imitam-no tão bem que parecem autênticas, com a vantagem de que pesam muito menos e são muito mais baratas” (SARAMAGO, 2000, p. 23). Ter seu trabalho rejeitado equipara-se a ter toda sua história de vida interrompida e toda sua tradição familiar condenada ao esquecimento/ Mas isso pouco importa ao Centro.

Outro elemento a destacar é a própria dimensão grandiosa do Centro, que, embora esteja inserido na cidade e seja bem menor do que a extensão de suas periferias, espanta os personagens que repetidamente fazem alusão ao seu tamanho: “O Centro, não há uma pessoa que não o reconheça com assombro, é realmente grande” (SARAMAGO, 2000, p. 101). O adjetivo grande é bastante inusitado quando utilizado por pessoas, como a família Algor, que vivem no campo, cuja extensão territorial se perde de vista. Contudo, é justamente esse o momento em que Cipriano Algor tece um comentário muito pertinente sobre a relatividade da palavra “grande” quando empregada para caracterizar o Centro:

Houve uma pausa, depois Cipriano Algor disse, E já que estamos a falar de tamanhos, é curioso que de cada vez que olho cá de fora para o Centro tenho a impressão de que ele é maior do que a própria cidade, isto é, o Centro está dentro da cidade, mas é maior do que a cidade, sendo uma parte é maior que o todo, provavelmente será porque é mais alto que os prédios que o cercam, mais alto que qualquer prédio da cidade, provavelmente porque desde o princípio tem engolido ruas, praças, quarteirões inteiros. (SARAMAGO, 2000, p. 258-259)

No romance, o Centro surge como um espaço não nomeado e sem localização precisa e alegoriza relações de poder entre centro e periferias. Ampliando um pouco mais nossa leitura, o Centro pode representar os centros de produção econômica e cultural do mundo, as nações centrais globalizadas e globalizantes. O Centro é o lugar de exercício do poder, é o lugar que comporta a ideologia dominante, é o lugar de jugo das minorias. O Centro é grande sim, suntuoso em suas edificações, na sua concentração de capital, nos seus avanços científicos, na produção do saber acadêmico, na circulação de mercadorias e bens culturais, enfim, conforme lembra Saramago, “O centro comercial é a nova catedral e a nova universidade: ocupa o espaço da formação da mentalidade humana” (SARAMAGO, 2010, p. 463).

Os Algores fazem uma leitura do Centro como o ambiente do artifício, em que tudo se inventa para servir como atrativo para o consumo. É como uma enorme vitrina na qual se expõem produtos e imagens que prometem uma vida ideal de conforto, segurança e bem-estar, como mostra o cartaz, ironicamente comentado no romance, de uma família *aparentemente* perfeita:

O cartaz aparece ali de vez em quando, repetindo as mesmas palavras, só variáveis na cor, algumas vezes exibe imagens de famílias felizes, o marido de trinta e cinco anos, a esposa de trinta e três, um filho de onze anos, uma filha de nove, e também, mas não sempre, um avô e uma avó de alvos cabelos, poucas rugas e idade indefinida, todos obrigando a sorrir as respectivas dentaduras, perfeitas, brancas, resplandecentes. (SARAMAGO, 2000, p. 92-93)

Essa artificialidade, que tem como combustível o impulso consumista, exerce uma ação de banalização dos valores, das tradições e das crenças, transformando tudo em mera mercadoria. Como exemplo de banalização, segue o caso da gruta que apresenta dois tipos de leituras. A família Algor teve suas vidas transformadas pela visita à gruta, esquecida pelo tempo nos subterrâneos do Centro, onde se via a imagem dos corpos de três homens e três mulheres atados a uma pedra branca. Tal visão sensibiliza a família e desperta um processo reflexivo que reatualiza os conceitos da caverna de Platão, produzindo como resultado o abandono do Centro: “Que foi que viu, quem são essas pessoas, Essas pessoas somos nós, disse Cipriano Algor, Que quer dizer, Que somos nós, eu, tu, o Marçal, o Centro todo, provavelmente o mundo, (SARAMAGO, 2000, p. 334-335). Em contraposição, o Centro banaliza o apelo filosófico despertado pelo encerramento dos homens na gruta e não se deixa mover pelo ensinamento que tanto comoveu os Algores, absorvendo-a, assimilando-a perversamente e transformando-a em mais uma de suas atrações turísticas, como mostra o anúncio transcrito em letras maiúsculas, com os prováveis artifícios, como jogos de luzes, letreiros luminosos, que tanto despertam a atenção dos visitantes: “BREVEMENTE, ABERTURA AO PÚBLICO DA CAVERNA DE PLATÃO, ATRACÇÃO EXCLUSIVA, ÚNICA DO MUNDO, COMPRE JÁ A SUA ENTRADA” (SARAMAGO, 2000, P. 350).

A alegoria da caverna, atualizada pelas ações e personagens do romance, exibe uma crítica severa ao artificialismo e à banalização dos valores humanos, os quais se distorcem diante do fascínio pelo consumo. A representação da caverna em Saramago escancara a força alienante do consumo, que, ao mesmo tempo em que alimenta o sistema de produção do capital e sua exploração pelas nações centrais do globo, mantém o indivíduo dependente de suas normas e exigências. Tem-se um jogo perverso em que, oferecendo o suprimento das necessidades e futilidades do seu cliente, o Centro o torna dependente desse mercado, por meio de uma suposta ligação intrínseca entre mercado e consumidor, entre satisfação e desejo. O Centro compromete-se a trabalhar em favor do conforto e do bem-estar da população, utilizando, para tanto, todos os recursos de que dispõe, mas requer, em contrapartida, adesão e fidelidade.

Os homens atados à rocha que, na leitura de Cipriano Algor, seríamos todos nós, estariam enclausurados, acima de tudo, pelos ditames de uma sociedade capitalista e globalizada, que ditaria toda uma hierarquia social baseada nas diferenças entre representatividade política, poder econômico e aquisição do saber e da cultura, sendo estes dois últimos relacionados a um modelo padrão de ser, ver e representar o mundo. O Centro é uma das representações de espaço pós-moderno, de modo que a ele são endereçadas críticas de superficialidade, de alienação e

de desengajamento, ao mesmo tempo que seus habitantes se orgulham dos desenvolvimentos tecnológicos, da beleza urbanística, das oportunidades de entretenimento e de trabalho, entre outras atratividades. Ou seja, submissão e ignorância parecem estar na pauta do dia.

Neste início de século, em que tanto a produção científica quanto o conceito, a função e o lugar de ciência registram transformações radicais provenientes de conquistas importantes dos dois últimos séculos, far-se-á necessário pensar sua relação com a sociedade contemporânea. Pensar de que maneira a ciência tem instrumentalizado os homens para melhor atuarem como sujeitos emancipados e emancipadores. Pensar como a ciência tem-se relacionado com as coisas do mundo e com os outros saberes.

Ao longo dos séculos, o saber vai assumindo a posição da voz da autoridade, de modo que autores como Boaventura de Souza Santos equiparam os dois termos na sentença “Knowledge is power” (SANTOS, 1989, p. 142), saber é poder. O conhecimento, assim como a cultura, acompanha os movimentos sociais, de modo a reproduzir as cisões, as hierarquias e as vozes repressoras que comandam os paradigmas político-sociais vigentes. O saber já esteve ligado à religião, aos centros acadêmicos, aos poderes governamentais e, mais recentemente, ao poder econômico mundial, representado pelas potentes multinacionais. Santos lembra essa mudança em *Introdução a uma ciência pós-moderna*: “As universidades, que durante muito tempo detiveram o monopólio da investigação científica, perderam-no em favor dos governos e da indústria” (SANTOS, 1989, p. 131). Esta última, a indústria, representante do capital e do mercado globalizado, de forma tendenciosa, vem dirigindo os rumos das mais recentes pesquisas científicas e incentivando, financeiramente, áreas de seu maior interesse, como a área tecnológica, que rende uma considerável fatia no comércio internacional.

Como se vê, o saber tem sofrido fortes restrições em seu significado, ficando limitado ao campo da ciência e da erudição. Como oposição, uma leitura crítica do saber faz-se primeiramente por questionamentos elementares concernentes ao entendimento do seu próprio conceito (O que é o saber?) e a seu campo de atuação (A quem serve o saber? Quais são seus compromissos com a vida do homem?). O conhecimento científico não tem servido à melhoria da vida da população em geral, pelo contrário, muitas vezes mostra-se distante das questões humanas. Pouco se tem utilizado desse conhecimento para diminuir a desnutrição, para emancipar as consciências politicamente, para minimizar as diferenças sociais. O conhecimento científico tem atuado como um dos agentes da globalização econômica, mas até então não propôs uma globalização de seu saber.

A Caverna levanta um questionamento radical sobre dois agentes que funcionam como instrumentos de poder na pós-modernidade: a ciência, conforme foi discutido anteriormente, e a escrita. Esta última tem exercido um papel de intolerância e desrespeito ao autorrepresentar-se como rival da oralidade, de modo a fomentar uma comunhão perigosa entre memória e esquecimento. No romance de Saramago, o universo da olaria e tudo que ele congrega de

tradição cultural, de conhecimento, de valores humanos, de apreço à oralidade é ameaçado pela cultura letrada do Centro. Em síntese, a ciência e a escrita operam como instrumentos de hegemonia e padronização da história e da memória do homem, operam como aliciadores de outras tantas memórias, histórias e saberes.

Platão apresenta em seu livro *Fedro* um diálogo instigante entre os personagens Fedro e Sócrates, de que nos servimos para destacar o momento em que a conversa dos dois contempla questões que envolvem a introdução da escrita. Com a escrita, o exercício oral deixa de ser a única forma de perpetuação da memória, pois a escrita surge como a tecnologia habilitada à manutenção de extensos elos discursivos. Em *Fedro*, Sócrates conta a história do rei Tamuz, governante de todo o Egito, que é apresentado por Thoth com invenção da escrita, prometendo-lhe ampliação do saber e da capacidade mnemônica entre os egípcios: “Esta arte, caro rei, tornará os egípcios mais sábios e lhes fortalecerá a memória; portanto, com a escrita inventei um grande auxiliar para a memória e a sabedoria” (PLATÃO, 2007, p. 119). Entretanto, o rei, sábio e sensato em sua resposta, replica ao súdito:

Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Logo, tu não inventaste um auxiliar para a memória, mas apenas a recordação. (PLATÃO, 2007, p. 119)

As palavras do rei encenam a problemática dualidade no processo de inserção da escrita no mundo, que, por um lado, conforme o próprio inventor fez questão de mencionar, pode auxiliar na propagação e permanência do saber e da memória, mas, por outro, encerra esquecimento e mesmo ignorância àqueles que dependem cegamente desse recurso. Uma reação semelhante à do rei pode ser observada em uma das falas de Cipriano Algor, que, apesar de não menosprezar o saber da escrita, manifesta-se sábio da insuficiência dos registros escritos, de forma que indica ser preciso “ir mais além da leitura”. Ou seja, a experiência da leitura constituiria um primeiro passo na construção do conhecimento, há que recorrer-se a outros processos de busca do saber. Segundo a mencionada passagem de *A caverna*:

Lendo, fica-se a saber quase tudo, Eu também leio, Algo portanto saberás, Agora já não estou tão certa, Terás então de ler doutra maneira, Como, Não serve a mesma para todos, cada um inventa a sua, a que lhe for própria, há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura, ficam apegados à página, não percebem que as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é que importa, (SARAMAGO, 2000, p. 77)

No livro *A farmácia de Platão*, Jacques Derrida fornece uma importante atualização teórica na leitura da obra de Platão supracitada. O filósofo parte da palavra “phármakon” para tecer suas considerações sobre a ambivalência da escrita, pois, segundo ele, é como *phármakon*

que a escritura é apresentada ao rei egípcio, termo que conota ambigualmente os significados de remédio e veneno. E, conforme aprendemos com a medicina, a ação do “phármakon” depende da dosagem e da manipulação correta da droga, as quais transformariam a droga em um benefício ou em um malefício à saúde do homem. Vale lembrar as palavras de Derrida que nos alertam ao informar que: “Não há remédio inofensivo. O *phármakon* não pode jamais ser simplesmente benéfico” (DERRIDA, 2005, p. 46), a saber, pode conduzir a reações adversas e causar danos ao organismo humano, especialmente diante de um uso desmesurado. O *phármakon* pode funcionar como remédio e veneno, benefício e malefício, promovendo, assim, o esquecimento e a memoração, a morte e a vida.

Contudo, interessa-nos investigar pontos de encontro entre escrita e oralidade que ultrapassam a leitura do exercício parricida em que o pai – a fala – é condenado à morte pelo filho – a escrita –, haja vista o entendimento de que privilegiar qualquer uma das duas modalidades implica perdas, perda de memória, de público (ouvinte ou leitor), de naturalidade e/ou espontaneidade, de capacidade de armazenamento. Um trabalho em conjunto entre os dois registros apresenta resultados produtivos, pois, juntos, ampliam a capacidade mnemônica, agregam performatividade e transformam a escritura em um espaço de recepção e versatilidade.

A palavra escritura perpassa as páginas das obras *A farmácia de Platão* e *Gramatologia*, ambas escritas por Derrida, ora como par opositivo de oralidade, ora como um corpo muito mais abrangente, flexível, dinâmico, afetivo e solidário, separação conceitual que Derrida nos indica ao dizer: “Há, portanto, uma boa e uma má escritura: boa e natural, a inscrição divina no coração e na alma; perversa e artificiosa, a técnica, exilada na exterioridade do corpo” (DERRIDA, 2004, p. 21). Situando-nos em mais uma de suas indecidibilidades conceituais, a escritura carrega o peso da maldição do esquecimento e da artificialidade, bem como representa a promessa de reconciliação. Pensar a escritura como promessa significa apostar em seu potencial negociativo, significa, portanto, atacar o elo escritura e violência que tem sido explorado por políticas socioculturais de grupos dominantes.

Rejeitar a química maléfica da ciência e da escrita implica atacar a forma como são dosadas para servir à imposição pelo poder. Nesse ínterim, joga-se, no centro de discussão, uma chamada à subversão às formas hegemônicas de organização humana que, em um abraço mortal, absorvem e esterilizam manifestações taxadas como inferiores. Projetos civilizatórios modernos apoiaram-se desmedidamente nesses dois pilares de ordenação e progresso, deixando o legado ambivalente do *phármakon* para ser administrado por gerações futuras. Em contexto pós-moderno, esse desajuste farmacológico respinga nas páginas da obra de José Saramago, contra o qual se esboça um espaço de resistência às políticas socioculturais hegemônicas de apagamento, inferiorização e segregação da diversidade.

Considerações finais

O microuniverso em que vivem Cipriano Algor e sua família movimentada, dentro da obra, um macrouniverso que pressiona por padronização, descoletivismo e desengajamento, levantando resistência à grandiosidade e poderio do Centro. Reações de não enquadramento e de rejeição ao Centro, que culminam com o pedido de demissão de Marçal, genro de Cipriano Algor, não são bem recebidas, de modo que à pergunta: “E o Centro, como reagiram eles [ao pedido de demissão]” (SARAMAGO, 2000, p. 347), obtém-se como resposta: “Quem não se ajusta não serve e eu tinha deixado de ajustar-me” (SARAMAGO, 2000, p. 347).

Esses desajustes advêm de uma preocupação em falar sobre e falar contra um tipo de organização social que reprime e comprime os movimentos e realizações humanas. Com efeito, os personagens de José Saramago têm empostado essa voz provocativa que reforça a linha de frente de oposição às realizações culturais do poder, auxiliando a crítica literária a pensar a questão da cultura e do saber a partir de uma relação contra-hegemônica em direção às práticas políticas e econômicas dominantes e dominadoras. Cipriano Algor, nosso narrador à moda benjaminiana, é o sujeito que se move de dentro de/a partir de seu território, cuja eloquência e coragem – fundamentadas na impecável oratória e na experiência que coletou em vida – o potencializam a agitar, desafiadoramente, territórios e fronteiras para *além de*.

Conforme lembra David Harvey, diante da blindagem hegemônica das sociedades pós-modernas, há duas saídas possíveis: “O corpo existe no espaço e deve submeter-se à autoridade (por meio de, por exemplo, encarceração ou vigilância num espaço organizado) ou criar espaços particulares de resistência e liberdade – “heterotopias” – diante de um mundo de outra maneira repressor” (HARVEY, 1994, p. 196). A família Algor opta pela segunda alternativa, resiste à sedução, à força econômica e ao poder do discurso alienante do Centro, pagando a contrapartida da rejeição e da segregação. Ainda assim, forjar espaços de resistência e liberdade parece garantir um pouco mais de dignidade em tempos de forte agressão àquilo que, de fato, somos e àquilo que, potencialmente, podemos fazer, seja como corpo individual ou como corpo coletivo.

Referências

BENJAMIM, Walter. O narrador. In: **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 197-221.

_____. Experiência e pobreza. In: **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 114-119.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. 3ª ed. Porto: Porto Editora, s.d.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2.ed. São Paulo : Ática, 2007

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

PLATÃO. **Fedro**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão dolente: contra o desperdício da experiência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SARAMAGO, José. **A caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, histórias e políticas**. Fernando Gómez Aguilera (sel. e org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.